

ANÁLIA VIEIRA DO NASCIMENTO E OS LOGOGRIFOS

BEATRIZ WEIGERT

CLEPUL, beatriz.weigert@gmail.com.

Conhece-se Anália Vieira do Nascimento, escritora do Rio Grande do Sul, Brasil, através do *Almanaque de Lembranças*¹ (1851-1932), fundado por Alexandre Magno de Castilho e editado em Lisboa.

Esta poetisa destaca-se nas páginas do anuário pela sua assiduidade. De fato, sua produção conta-se nos anos de 1871 a 1893, com ausência apenas nos anos de 1884, 1890 e 1892. Apesar de não possuir livros publicados, seu nome é referenciado por Guilhermino Cesar, Pedro Villas-Bôas e Nelly Novaes Coelho. Guilhermino Cesar, na *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, de 1956, inclui Anália no capítulo XV, intitulado «Da Reação Anti-Romântica aos Primeiros Parnasianos», no subtítulo «Outros Poetas» (p. 297). Também em seu estudo «A vida literária», do livro *Rio Grande do Sul: terra e povo*, de 1969, o historiador cita a escritora no subtítulo, «Parnasianos e simbolistas» (p. 236). Pedro Villas-Bôas, no *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*, de 1984, refere-se a ela como «poetisa de produção esparsa», nomeando, do *Almanaque de Lembranças*, um texto em verso² («No dia dos

¹ Fundado como *Almanaque de Lembranças*, em 1851, já ao quinto número da edição, em 1855, Alexandre Magno de Castilho acrescenta-lhe um adjetivo, devido ao público leitor e abrangência de matérias, passando a chamar-se *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Em 1872, o novo editor, Antônio Xavier Rodrigues Cordeiro coloca mais outro adjetivo, ficando *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

² «No dia dos meus anos», no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1875. Referência equivocada, contudo: o poema sai com o título de «No Mar», e é o subtítulo que especifica «No dia de meus anos, 2 de setembro de 1873» (*Novo Almanaque de Lembranças* para 1875, p. 242-243).

meus anos», 1875) e outro em prosa («Victor Hugo, Carta», 1882). Nelly Novaes Coelho, no *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras: 1711-2001*, lista seu nome (p. 45). Porém, os três estudiosos dão-lhe o nome de Amália ao invés de Anália. E como Amélia, a poetisa surge pela primeira vez no *Almanaque* de 1871.

No *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, a escritora é ativa na intercomunicação através de passatempos e poemas. O interesse em manter diálogo observa-se no conjunto dos textos em que Anália convoca leitores, promete recompensa, aceita respostas, escreve a autores que, decifrando enigmas, comprovam o apreço pela correspondência. É contato consolidado ano a ano, pelas páginas do *Almanaque*.

Anália nasce a 2 de setembro de 1854³ em Porto Alegre, Rio Grande do Sul e, na mesma cidade, morre a 24 de janeiro de 1911. É filha de José Vieira Fernandes, natural de Portugal, e de Belmira Rosa do Nascimento, natural de Porto Alegre. Tem como avós paternos, Antonio Fernandes e Apolonia Vieira, naturais de Portugal, e como avós maternos, Manoel do Nascimento Coelho, natural de Portugal, e Firmina Maria da Silva, natural de Porto Alegre. Anália é batizada no dia 27 de janeiro de 1855.

A produção de Anália centra-se no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, onde se lê, da autoria dela, passatempos (logogrifo⁴, charada⁵, enigma⁶) e poemas.

Sobre os passatempos, é importante ler Ernesto Rodrigues que em «Passatempos de Papel»⁷ diz-nos que as charadas, os enigmas e os logogrifos demandam grande «esforço intelectual dos leitores da Imprensa de recreio e de almanaques, num sisudo século XIX». Esclarece que o surgimento do vocábulo «enigma» é de 1534, «charada» é de 1844 e «logogrifo» é anterior a 1716. Considera o Professor que o termo *logogrifo* evoca a obscuridade do mítico grifo, metade leão, metade águia. Etimologicamente tem-se *logos* (palavra) + *griphos* (enigma) = enigma verbal. Nesta modalidade, ensina Rodrigues, «adivinha-se uma palavra pela decifração prévia de palavras somando as mesmas letras em ordem diversa daquela», dando como exemplo o seguinte:

O sol é a fonte d'ella – 10, 5, 3.

Nota que a lyra tem – 4, 11.

Parte do verbo que olha – 6, 9

E macaquinho também – 8, 7, 1, 2. (p. 141; no quarto verso, erradamente, aparece 6, 7, 1)

³ Data documentada no registro de nascimentos da Cúria Metropolitana de Porto Alegre e também referida no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1875, p. 242-243, no poema «No mar».

⁴ O primeiro logogrifo de Anália data-se de 1871. Vem, equivocadamente, sob a autoria de Amélia Vieira do Nascimento. A escritora conta dezassete anos de idade. São doze ao todo os logogrifos de Anália publicados no *Almanaque*.

⁵ São duas charadas.

⁶ São dois enigmas.

⁷ Em revista *Navegações*, 4, 2 (jul./dez. 2011), p. 214-218.

Se adivinharmos as palavras cor, dó, vi, nico, e colarmos as letras segundo os algarismos propostos, encontraremos o conceito requerido na segunda quadra: cordovínico. (Rodrigues, 2011: 215).

Vê-se a complexidade da composição deste entretenimento, habitual no *Almanaque de Lembranças*. Cifra dentro da cifra, o logogrifo propicia confirmação de receptividade, desencadeando intercomunicação. São doze os logogrifos de Anália publicados no *Almanaque de Lembranças*. Escrevem-se em forma de verso e prosa, alguns classificados em quadras e acrósticos, mas nem todos são pontuados por algarismos. Por essa via, locutores alternam-se no afã de versejar, enquanto resoluções e soluções efetivam-se no projeto luso-brasileiro do anuário. O chamamento ao interlocutor, na produção de Anália, está logo no título, subtítulo ou primeiras letras dos versos. Desse modo distinguem-se personalidades de afeto e admiração. Contudo os logogrifos, nesse diálogo entre criadores, além da dedicatória, acrescentam-se de competição, promessa e desafio. Alinhando o confronto entre homem e mulher, refiram-se os logogrifos datados de 1867, 1869, 1871, 1872 e 1873.

Anália (ou Amélia, como diz o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1871, p. 221) dedica seu primeiro texto – «Logogrifho XI» – «Ao Sr. Manoel Maria Lucio», e adverte: «Veja-se o A de 67, pag. 329, e o A de 69, pag. 222». Assim, antes de ler o «Logogrifho XI», vai-se à indicação aposta à dedicatória e, na palavra da logografista Catharina Maxima de Figueiredo, de Guiães, o Logogrifho do *Almanaque* de 1867, p. 329, conclui assim:

*Se nos homens dominasse
Muito mal se evitaria!...
Eis aqui o logogrifho
Já tão claro como o dia!* (ALLB, 1867: 329)

Ao que, no Logogrifho do *Almanaque* de 1869, Manoel Maria Lucio, de Vila Nova de Gaia, responde:

*Se nas damas dominasse
Muito mal se evitaria!...
(Dizem certos maldizentes
Que a minha escola não cria)
Eis aqui o logogrifho
Já tão claro como o dia!... (ALLB, 1869: 222)*

Em 1871, vem Anália e finaliza:

*Se nos homens dominasse
Muito mal se evitaria!...*

*(Dizem todas as sensatas
Que a minha escola só cria)
Eis aqui o logogripho
Já tão claro como o dia,
Que ofereço humildemente
Ao Sr. Manoel Maria!... (ALLB, 1871: 221)*

E em 1872, Manoel Maria Lucio escreve o «Logogripho III», dedicado «À Ex.^{ma} Sr.^a D. Annalia Vieira do Nascimento», dando a referência dos *Almanaques* anteriores (de 1867, 1869 e 1871), encerrando com a seguinte estrofe:

*Se nas damas dominasse
muito mal se evitaria!...
(dizem certos maldizentes
que a minha escola não cria)
Eis aqui o logogripho
já tão claro como o dia ! ...
que à Senhora Dona Annalia
off'rece Manoel Maria! (NALLB, 1872: 133)*

Há conceitos em disputa, cuja resposta o *Almanaque* trará. A resolução aos logogrifos aqui anotados, correspondendo aos anos de 1867, 1869, 1871 e 1872, é, respectivamente, «cordialidade», «silêncio», «misericórdia» e «segredo». Vê-se que os logogrifos de Manoel Maria resolvem-se por «silêncio» e «segredo», enquanto os das duas autoras, por «cordialidade» e «misericórdia». Mas Anália continua e, em 1873, dedica o «Logogripho XVIII» «Ao sr. Manoel Maria Lucio», justificando porque não responde a seus versos. Diz:

*Se eu fizesse o logogripho
Co'as consoantes em ia,
que portentosa massada!
Tremenda sensaboria!*

*Por isso hoje não posso
Responder, como devia,
Ao mimoso logogripho
Do sr. Manoel Maria. (NALLB, 1873: 346)*

E encerra, aconselhando Manoel Maria a não glosar o logogripho, e nem tentar decifrá-lo, porque será «trabalhar em vão». A solução deste enigma foge do âmbito dos anteriores, pois apela para figura de retórica que é a «paranomásia».

Na perspectiva de Anália, há que desistir da resolução, tal a ordem de dificuldade que a escritora pensa ter colocado no passatempo.

Enfrentamento e promessa, outros logogrifos da autora trazem dessas propostas. Considere-se o «Logogrifho Acrostico» do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1872, na p. 311, cujas letras iniciais constituem dedicatória que se endereça «Aos logogrifhistas de nome» (solução: «catopa»), que assim conclui:

De uma letra prescinde: é mastigável. 1,3.

E mudando uma letra é bem usável. 1,3,2.

Nada te digo do conceito: deixo

O teu espírito nas mais densas brumas.

Muito desejo que o decifres logo.

Eu esperanças não te dou nenhuma! (NALLB,1872: 311)

Leia-se o «Logogrifho Acrostico» do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1874*, na p. 194, com as letras iniciais completando um desafio que diz: «Se forem capazes decifrem isto». As duas últimas estrofes dizem:

Desejam bem senti-lo. E há quem não o ame! 6,2,4.

Extremidade d'asa, assim talvez se chame. 7,3.

Com uma letra mais é nome de mulher. 1,4.

Intento pôr-te a bola assim ... como eu quiser... 6,3,6.

Foi amante infeliz, pondo uma letra àquela. 1,7.

Rei, em lhe reunindo outra letra singela. 6,5.

É verbo, é um sinal e pode estar nas ramas. 7, 4.

Maravilha, e apesar foi já entregue às chamas. 2,4.

Ilheta que jamais aqui teve importância. 3,2,3,4.

Suave deve ser lá na celeste estância.7,2.

Tremendo fico toda, ai! Deus, se pronuncias. 4,3.

Oh! Que amante infeliz se um s tu lhe unias! 7,2,5. (NALLB, 1874: 194)

Um e outro começam com promessas: o primeiro oferece «botas» e «coisas boas», e o outro promete versos. E, no final, um formula a falta de esperança de ter acertadores; e o outro promete «um soneto ao mortal inteligente que na decifração meter o dente» (NALLB, 1874: 194).

O «Logogrifho XII» do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1876, na p. 237, insere: «Prometto uma poesia ao primeiro que o decifrar. Este logogrifo, composto só com 12 das letras do alfabeto, tem de mais uma cedilha e um til.» O último parágrafo diz:

Estes nadas todos são recordações... doces e santas recordações! Sinto, entretanto, entristecer-me o coração... Dize-me: nestas horas tristes, no meio desta minha monotonia, terei ainda momentos como esses de há cinco anos? Acaso tornarei a ser assim ditosa? Não, minha amada Castorina, não mais! Esses sonhos encantados morreram como todos os sonhos! Adeus! Adeus!

As decifrações vão surgindo e Anália deve cumprir o prometido. Assim as respostas aos vinte e seis versos, que formam o logogrifo acróstico de 1874, logo se fazem ouvir. Já em 1875, à p. 17 do *Novo Almanaque*, Luiz Carlos d'Araujo Pereira Palma, de Pernambuco, em versos, interroga se ele terá agora o soneto prometido e se os acertadores terão «cada um o seu» (NALLB, 1875: 17).

Cada um receber o seu soneto, é possível, pois no *Novo Almanaque* para 1876, em uma nota Anália explica que, ao receber cento e vinte e cinco respostas – erotomaniaco –, foi «remetendo», aos acertadores, «um soneto laudatório», que compôs «conforme Deus ajudou» (NALLB, 1876: 15). Confirma-se a remessa pela voz de André do Quental, de Ponta Delgada, que «À Sr.^a D. Annalia Vieira do Nascimento» dedica o soneto acróstico, em que os quatorze versos iniciam pelas letras da frase «O autor agradece» (NALLB, 1876: 17). Neste mesmo *Almanaque*, a p. 16 acusa os sonetos dedicados «Ao Sr. Antonio de Sá Soares Leite» e «Ao Sr. José Joaquim de Mattos», bem como, a p. 15, as «Quadras», «Aos ilustrados cavalheiros de que trata o Almanach de 1875, à pag. 17». E estampa-se, à p. 219, o «Soneto» «Ao distinto logografista Sr. André do Quental».

E é o *Almanaque* para 1877 (p. 222-223), que traz o poema «O Canto do Sabiá» com a dedicatória «Ao distinto logografista Ilmo. Sr. José Felgueiras (de Guimarães – Portugal)». E a nota esclarece o pagamento da promessa feita: «Foi o primeiro cavalheiro que me comunicou haver decifrado o meu logogrifo da pág. 237 do Alm. de 1876.» A solução é «desarmonicamente».

Com dedicatória em versos de acróstico, há outros logografos de Anália Vieira do Nascimento, como seja o «Logogrifo XII» «Ao distinto algebrista Castor Phamur», em que duas ordens verticais de letras formam a frase: «Equacoes do primeiro grao a uma incóg-nita» (NALLB, 1885: 191).

A este «Logogrifo XII», Castor Phamur, do Rio de Janeiro, responde, compondo um soneto de experimentação verbo-visual em que treze letras do poema formam a palavra cerimoniaica – a solução do logogrifo – cruzando-se como o símbolo «xis» – a incóg-nita – da esquerda para a direita do segundo verso ao décimo quarto, e do décimo quarto ao segundo verso. Assim o segundo verso inicia com C da palavra «Com» e termina com A, da palavra rainhA, no décimo quarto verso. Na outra ordem o C da palavra «Cantando» está no décimo quarto verso; e o A da palavra «mimosA», no segundo verso. Desta forma criativa, cruzando a palavra «ceremoniatica» no meio do soneto, Castor Phamur agradece e dá a resposta do logogrifo.

Anália ainda dedica logografos à prima Castorina Angélica do Nascimento (NALLB,

1875: 182-183), à D. Adélia Josephina de Castro Fonseca (*NALLB*, 1878: 174), ao Sr. José Carrilho Ayres Garcia (*NALLB*, 1879: 242-243-244), à poetisa baiana D. Georgina de Maupin (*NALLB*, 1881: 285-286), e um enigma a D. Cecília Maria C. de A. O. (*NALLB*, 1887: 456). Contam-se também mais dois logogrifos acrósticos: «a minha boa amiga Rafaela Barreto» (*NALLB*, 1877: 281), e «às distintas colaboradoras Luiza Amélia e Georgina de Maupin» (*NALLB*, 1883: 109).

Anália recebe homenagens em forma de poemas e de passatempos. Citem-se logogrifos, como os seguintes: «Logogrifo IV» de Georgina de Maupin, da Bahia (*NALLB*, 1882: 26-27); «Logogrifo XXI» de Luiza Amélia, do Piauí (*NALLB*, 1882: 127); «Logogrifo X» de Antonio Rigaud Nogueira, do Porto (*NALLB*, 1883: 59); «Logogrifo VIII» de M. T. Freire Junior, de Pernambuco (*NALLB*, 1884: 28); «Logogrifo IV» de Violeta de Maceió (*NALLB*, 1898: 27) e a «Charada LX» de Silva Freire, da Bahia (*NALLB*, 1894: 440).

Curioso é o fato de um colaborador transformar um acróstico de Anália em logogrifo. No *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para 1881*, à p. 197, lê-se o «Logogrifo XXXI» com a seguinte dedicatória:

À distinta poetisa e exm.^a Sr.^a D, Annalia Vieira do Nascimento autora do acróstico publicado à página 207 do Almanach de 1880.

O autor é Francisco Soares Victor de Messejana. A solução do logogrifo é «Ranúnculo». Ao acróstico «Raphaela» de Anália, Soares Victor acrescenta os algarismos, compondo o logogrifo, como se lê:

Rosa fragrante dos vergéis suaves, – 8,2,5,1,2
A quem as aves os seus hinos dão, – 2,7,1,9,1,2
Porque procuras as senis florestas – 5,1,9
Hoje que as festas te chamando estão? – 4,9,2
Anjo, não sabes que pesar constante – 7,4,3,6,9
Em meu semblante já me rouba a cor, – 8,9,5,6,7,1,2
Longe... qu'importa! Te serei sincera... – 6,2,1,2
Ai! Quem me dera que ficasses, flor!

Exercício que exige empenhamento e experiência para a resolução, o logogrifo é passatempo de papel que propicia o intercâmbio entre os colaboradores do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*.

É importante essa correspondência de criação entre escritores, que se prendem uns à palavra dos outros. E, nós, leitores, ficamos presos ao *Almanaque* e ao *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* com nossa atenção cada vez mais curiosa, para temas e conceitos. Anália Vieira do Nascimento comprova a arte de sua escrita, não só pelos poemas que publica, mas também pelos desafios que formula em seus passatempos.

Referências

(1853) – *Almanach de Lembranças para 1851*. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista.

Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro. Lisboa: Lallemand Frères.

Novo Almanach de Lembranças Luso Brasileiro. Lisboa: Lallemand Frères.

CESAR, Guilhermino (1956) – *História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902*. Rio de Janeiro / Porto Alegre / São Paulo: Globo.

____ (1969) – *A vida literária*. In KREMER, Alda Cardoso *et alii* – *Rio Grande do Sul: terra e povo*. Porto Alegre: Globo, p. 229-257.

COELHO, Nelly Novaes (2002) – *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras Editora.

RODRIGUES, Ernesto (2011) – *Passatempos de papel*. «Navegações». Porto Alegre. 4, 2 (jul./dez.), p. 214-218.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite (1984) – *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: [s.n.].

____ (1991) – *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: ESTdigoal.

Abreviaturas

ALLB – *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*.

NALLB – *Novo Almanach de Lembranças Luso Brasileiro*.